

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALEXANDRE BOING

**A QUESTÃO DO INDÍGENA LATINO-AMERICANO NO PENSAMENTO DE  
JOSÉ CARLOS MARIATEGUI**

CURITIBA

2014

ALEXANDRE BOING

**A QUESTÃO DO INDÍGENA LATINO-AMERICANO NO PENSAMENTO DE  
JOSÉ CARLOS MARIATEGUI**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica, como requisito parcial a conclusão do curso de História Bacharelado e Licenciatura, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Martha Daisson Hameister

CURITIBA

2014

## RESUMO

Esta monografia versou sobre a construção do pensamento de José Carlos Mariátegui; a forma como essas elaborações foram utilizadas, ou silenciadas, na luta política protagonizada por este pensador enquanto estava vivo e também no período posterior ao seu falecimento. Sem dúvidas Mariátegui, pensador, jornalista e dirigente político peruano que nasceu em 1894 e faleceu em 1930, tem espaço entre os clássicos do pensamento latino-americano, que se apoderou do instrumental metodológico marxista para fazer uma leitura da realidade do Peru do início do século XX, da América Latina e da relação deste segmento do continente americano com o mundo. Será focada a elaboração do autor sobre a questão racial, principalmente a questão indígena na América Latina. Para demonstrar como este autor utilizou o referencial metodológico marxista de maneira criativa produzindo uma interpretação sobre a questão indígena que relaciona a questão racial com a situação econômico social desta população. Por fim, apresentaremos como suas elaborações foram recebidas e utilizadas no processo de luta política.

Palavras-chave: Questão Racial; América Latina; Política.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	5
2. O Peru moderno e a formação de José Carlos Mariátegui .....	7
2.1. A sociedade peruana em construção, da independência a ascensão da hegemonia civilista. ....	7
2.2. A consolidação da hegemonia civilista e as crises sociais. ....	10
2.3. O Oncênio de Leguía .....	14
2.4. Uma breve biografia de José Carlos Mariátegui – do nascimento a viagem ao Velho Mundo.....	16
2.5. Uma breve biografia de José Carlos Mariátegui – a vida os aprendizados europeus e a defesa da libertação da latino-americana.....	21
3. O problema das raças na América Latina.....	26
4. O pensamento de Mariátegui em disputa.....	36
5. Considerações Finais.....	42
6. Referências Bibliográficas.....	43

## INTRODUÇÃO

O pensamento de José Carlos Mariátegui pode ser considerado, atualmente, um clássico. No sentido que inaugura uma nova forma de enxergar, entender e trabalhar a realidade latino-americana, apoiado no método marxista, apesar de não haver frequentado o espaço acadêmico ou mesmo escolas de formação de quadros partidários da época, consegue abstrair vícios de uma esquerda revolucionária em ascensão na Europa e que intervém nas elaborações da América Latina. Seu caminho que parte do concreto, vai ao abstrato e volta ao concreto, identifica particularidades e diferenças no processo de formação das sociedades do Novo Mundo, problematizando afirmativas, usadas como palavras de ordem descontextualizadas, com relação aos diferentes sujeitos históricos e a forma de desenvolvimento da luta dos povos em diferentes regiões.

Pragmaticamente elencaremos os objetivos desse projeto, esclarecendo um recorte sobre a produção do Mariátegui e usando sua argumentação como objeto de trabalho, especificamente um texto da sua fase auto intitulada “idade da revolução” – após 1923 com o retorno da Europa até sua morte, que comporta textos de um autor tanto metodologicamente, quanto ideologicamente bem definido, um documento, no qual a questão indígena e a questão da terra no Peru aparecem bem definidas.

Num primeiro momento será caracterizado o ambiente em que o autor forma suas concepções e opções políticas e teóricas. Analisando o espaço de disputa política em que estava envolvido tento sua argumentação como linha mestra para confrontar com outras duas matrizes de pensamento: uma caracterizada pelo liberalismo (que estava no poder) e outra - de oposição - que pretendia mudar a forma de organização da realidade peruana, mas com princípios e métodos divergentes dos revolucionários que Mariátegui (tendo por expoente Haya de la Torre).

Iniciando com a análise da formação do Peru contemporâneo que emerge no período delimitado no recorte deste projeto – sempre que possível já recorrendo aos trabalhos historiográficos do Mariátegui – focalizando na definição da estrutura agrária e no comportamento dos grupos indígenas. Partindo para um estudo mais aprofundo da conformação do pensamento do autor fonte, localizando – o na produção marxista, para

assim esclarecer seus posicionamentos sobre a questão indígena e a questão agrária suas proposições para transformação da sociedade peruana a partir destes dois elementos.

### 1.1 A sociedade peruana em construção, da independência a ascensão da hegemonia civilista.

De 1821 até a década de 1890 decorrem sessenta e nove anos que configuram política e economicamente um processo de construção de Estado nacional que será reformado e consolidado com a ascensão da elite civilista. Antes destes uma série de caudilhos militares conformavam uma oligarquia que comandava o Peru após o dia 28 de julho de 1821, que marca a Independência do até então Vice-Reino do Peru com o Reino da Espanha. Heraclio Bonilla faz a seguinte afirmação sobre o movimento político independentista: “O processo de independência foi resultado das ações de uma minoria *criolla* e espanhola profundamente vulnerável e preocupada em manter seus antigos privilégios sob uma nova roupagem liberal.”<sup>1</sup> Esse autor enfatiza a ausência da representatividade popular nesse processo e também a vulnerabilidade desta classe dominante que “incapaz de reunir em suas fileiras, no plano nacional, a massa de índios e negros, permitiu no primeiro meio século após a independência a ascensão ao poder de uma série de caudilhos militares”<sup>2</sup>.

Neste período a população peruana era de 1,25 milhão de pessoas e a economia era marcada pelo sistema colonial que se desestruturara no processo de independência. As regiões costeiras produtoras de algodão e cana-de-açúcar vivenciaram um déficit na força de trabalho, uma vez que a produção era baseada na mão-de-obra escrava e eles foram recrutados à força pelo exército revolucionário; a indústria da Prata estava abalada com as destruições resultantes das guerras e inundações recorrentes, além da mudança de método de organização de trabalho – até então realizado pelos indígenas em um formato organizado pelos Incas e herdado e modificado pelos espanhóis, mas que conservou seu nome indígena: a *mita*. Essa era uma forma de trabalho compulsório, em

---

<sup>1</sup> BONILLA, Heraclio. . “O Peru e a Bolívia da Independência à Guerra do Pacífico”. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Da Independência a 1870, volume III. EDUSP, 2001. p. 541.

<sup>2</sup> Idem, *ibidem*.

que parte da população de uma comunidade conquistada trabalhava nas minas por um período.

Bonilla sintetiza da seguinte maneira a economia peruana pós-independência: “Durante as duas primeiras décadas após a independência, a maior parte da economia peruana estava organizada em torno das grandes propriedades rurais (*haciendas*) amplamente autossuficientes, e das comunidades indígenas. O excedente comercializável era insignificante e servia apenas para abastecer de forma irregular os mercados locais.”<sup>3</sup> As relações de comércio externo se mantiveram das rotas do período colonial e na primeira metade do século XIX se centravam fortemente na Inglaterra, seguida pelos Estados Unidos e França. Veremos adiante que o destaque da Inglaterra é muito mais intenso e constrói-se juntamente uma forte relação política.

A elite política que se consolidou no comando do Peru pós-independência frustrou-se no intento de formar um novo Estado-nação, o livre comércio, ideário em parte responsável pelo movimento independentista, ao mesmo tempo que ajudou parte dos grupos de interesse de comerciante e agrária, prejudicou a incipiente burguesia industrial local. Somente após o “desenvolvimento espetacular da indústria do Guano, por volta de meados do século, que, aumentando as receitas públicas, lançou a base de uma expansão geral do poder e influência do Estado central”<sup>4</sup>. Estado este que manteve grande parte da estrutura de governabilidade colonial, evitando uma revolução social que afastaria a classe dominante neste período dos seus planos de poder.

Se tratava de uma economia com forte dependência das relações comerciais com países economicamente desenvolvidos. Bonilla descreve essas relações: “Na primeira metade do século XIX, os principais parceiros comerciais do Peru eram, em ordem de importância, a Inglaterra, os Estados Unidos e a França. [...] os mercados domésticos do Peru, enfraquecidos e segmentados, haviam sido tomados pelos produtos ingleses numa escala muito maior, pondo fim praticamente à produção artesanal nativa e às *obrajes* (oficinas) indígenas, que, em virtude de sua obsolescência tecnológica, não tinham condições de competir com os produtos ingleses. Por outro lado, o declínio das

---

<sup>3</sup> Idem, p. 542.

<sup>4</sup> KLARÉN, Peter F. Los Orígenes del Perú Moderno, 1880-1930. In: BETHELL, Leslie. **História de América Latina. América del Sur, c. 1870-1930**. Tomo 10, Barcelona: Editorial Crítica. 1992. p. 320.



importações de produtos têxteis, muito mais perceptível após 1830, indica que esses mercados peruanos eram bastante restritos, em grande parte devido ao caráter autossuficiente da economia de base familiar, sobretudo no caso da população indígena.<sup>5</sup>

Fundamentada sobretudo na exploração de guano e salitre, a economia peruana perde forças após a derrota do Peru na guerra contra o Chile (1879 - 1883), na qual perde as áreas de exploração dessas mercadorias. Esta guerra marca substancialmente a política peruana, nas palavras de Klarén: “As questões de guerra e paz tenderam a definir a evolução da luta política, mas isso assumiu também uma dimensão social mais ominosa. A derrota no campo de batalha acarretara a falência do Estado oligárquico”.<sup>6</sup> A guerra que tivera características de um conflito entre nações, toma proporções sociais quando chega a *sierra* central. Ao atingir os indígenas, que oprimidos há muito tempo por latifundiários encontram um novo inimigo, levando alguns a cogitarem ideias de uma emancipação mais completa, não lutariam apenas contra os invasores chilenos, mas sim contra todos os brancos, ou seja, a elite local proprietária de terras. O Fantasma de Tupac Amaru II - “mestiço descendente da casa real dos Incas que mobilizou os índios da *sierra* contra as injustiças do governo espanhol” no final do século XVIII continuava a perturbar a mente das elites locais.<sup>7</sup> De fato, os levantes ocorridos nessa região foram os maiores desde os liderados pelo libertador mestiço.

Com o fim da guerra externa em 1883, iniciou-se a guerra civil entre dois membros da elite, que capitanearam setores distintos da sociedade: o fazendeiro e aspirante a caudilho Miguel Iglesias, o qual ao mesmo tempo que anuncia a vontade de negociar com os chilenos, declara sua vontade de ocupar a cadeira presidencial; e Cáceres que representa os descontentes com o governo e também setores dos indígenas revoltosos. Em 1885 Cáceres ascende ao poder, onde se mantém por 10 anos sustentado por uma ditadura militar, assume com a tarefa de reconstrução nacional, a economia estava destroçada e todas as classes sociais estavam pauperizadas.

---

<sup>5</sup> BONILLA, opus cit. p. 544.

<sup>6</sup> KLAREN, opus cit. p.322.

<sup>7</sup> Idem, p. 323.

## 1.2 A consolidação da hegemonia civilista e as crises sociais.

O Estado Nacional peruano transformou-se aceleradamente de 1890 a terceira década do século XX. Período adotado como recorte temporal para este estudo, caracterizado politicamente “entre a conformação da República Aristocrática, iniciada com Nicolás de Piérola, até o fim do ‘*oncenio*’ de Augusto B. Leguia”, entre 1894 e 1930 – anos de nascimento e morte de Mariátegui, recorte também utilizado por Juan Marchena Fernández.<sup>8</sup> E bastante próximo ao realizado por Peter F. Klarén no texto “Los Origenes del Perú Moderno, 1880-1930”<sup>9</sup>. Assim como por Jesus Chavarría no livro “José Carlos Mariátegui and the Rise of Modern Peru, 1890-1930”<sup>10</sup>. Esse período corresponde a uma grande modernização econômica, nas palavras de Pericás:

“Essa é uma época em que os investimentos norte-americanos aumentam substancialmente, ultrapassando o capital investido pelos ingleses no país. Enquanto a economia peruana se ‘moderniza’, também começa a ser controlada por diversas empresas dos Estados Unidos que se instalam na região”.<sup>11</sup>

Também ocorrem significativas modificações na estrutura social e política. Não ocasionalmente, corresponde ao tempo em que a política esteve hegemônica pela ação e ideologia do Partido Civilista. O qual contava na sua base com “os grandes proprietários urbanos, os grandes fazendeiros produtores de açúcar e algodão, os homens de negócios [...], em suma, a parcela da população bem posta na vida”<sup>12</sup>. Segundo Juan Marchena Fernández caracteriza a política realizada pelos civilistas como positivista e desenvolvimentista, relacionada amplamente com o aumento da dependência com os

---

<sup>8</sup> MARCHENA FERNÁNDEZ, Juan. **José Carlos Mariátegui**. Ediciones de Cultura Hispánica. Madrid, 1988, p.14. [Tradução livre]

<sup>9</sup> KLARÉN, Peter F. “*Los Origenes del Perú Moderno, 1880-1930*”. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Tomo 10. América del Sur, c. 1870-1930. Editorial Crítica, Barcelona, 1992. pp. 233-279.

<sup>10</sup> CHAVARRÍA, Jesus. **José Carlos Mariátegui and the Rise of Modern Peru, 1890-1930**. University of New Mexico Press. 1979.

<sup>11</sup> PERICÁS, In: Mariátegui, J. C. **Dos sonhos as coisas**. São Paulo: Boitempo, 2005. P. 15.

<sup>12</sup> ESCORSIM, Leila. **Mariátegui – Vida e Obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006 : p. 16. Apud BASADRE, apud NETTO, 1980: p.32.

países mais industrializados<sup>13</sup>. Essa nova elite – civilista – emerge e ganha espaço político anteriormente dominado pelos setores que compuseram o movimento independentista.

Os civilistas, mais próximos ao processo de expansão capitalista, e da política estadunidense, se dispõem a trabalhar junto com o capital estrangeiro que é a “ponta de lança da recuperação econômica do país”<sup>14</sup>, nas palavras de Klarén.

A intervenção estadunidense aumenta paulatinamente, que se torna explícita na década de 1920. A economia dava sinais de transformação, todavia continuava ainda baseada na agroexportação de culturas produzidas mormente na região serrana.

“Com o avanço progressivo do capitalismo, os camponeses migraram e tornaram-se proletários, empregados nos encaves industriais que foram constituídos nas cidades e em algumas áreas da zona rural. Aqui os sistemas tradicionais da *hacienda* e da mineração de pequena escala cederam lugar em medida crescente à grande lavoura agroindustrial e ao complexo mineiro moderno, ambos equipados com tecnologia e economias de escala para produzir com eficiência e com lucro para os mercados estrangeiros que estavam expandindo.”<sup>15</sup>

É preciso ressaltar que nessa área produtiva e seu entorno concentrar-se-á um fundamental elemento da ainda incipiente classe operária do Peru, que apresentará grande capacidade de mobilização e ação política na segunda metade do período aqui trabalhado<sup>16</sup>.

A mudança da inserção do capital estrangeiro no Peru, do inglês para o norte-americano é analisada por Klarén da seguinte maneira

“Durante a fase comercial ou mercantil, o capital inglês, e o norte-americano em menor escala, tinham sido primordialmente um agente de facilitação, de 'intermediação' entre a economia peruana 'natural' e cheia de recursos e o mercado internacional. [...] No século XX, porém, o capital norte-americano começou a entrar no estágio da produção. Aconteceu principalmente no campo da mineração, mas estendeu-se também em graus variados a outros setores da economia. Nas primeiras três décadas do novo

---

<sup>13</sup> MARCHENA. opus cit, p.14.

<sup>14</sup> KLARÉN. opus cit, p.326.

<sup>15</sup> Idem, p. 318.

<sup>16</sup> ESCORSIM. Opus cit, p. 23.

século, grandes companhias dos estados Unidos começaram a ocupar e monopolizar áreas de produção do setor de exportação antes controlado exclusivamente por empresários peruanos.”<sup>17</sup>

Além da mineração, os estrangeiros atuaram em outros setores da economia peruana que se diversificava aos poucos, seja na cultura do algodão e da cana, ou na extração de látex. Para Jesus Chavarría esse é o início do processo que configurará uma relação de dependência peruana com relação ao capitalismo Ocidental concretizada nos anos subsequentes<sup>18</sup>. Garantindo a economia peruana um “período de grande expansão e prosperidade entre os anos 1895 e 1908, resultando no que foi chamado de *belle époque*. A maior parte do país desfrutou de uma balança comercial favorável ininterruptamente, e a modernização varreu as províncias e a capital.”<sup>19</sup> Em todos os setores as tensões sociais foram se intensificando, seja pela voracidade com que atacavam as culturas locais, as extenuantes condições de trabalho ou pela pressão dos proprietários de terra que levou a um intenso êxodo rural.

A fragilidade do pensamento civilista, em boa parte sustentado por intelectuais docentes da Universidade de San Marcos, fortemente influenciados pelo positivismo, escreviam para os principais periódicos e participantes de altos postos nos governos, defendiam que “a modernização viria através da industrialização, da democracia representativa limitada, da educação técnica e científica e de um modo de pensar que fosse ao mesmo tempo não escolástico e não-idealista. [...] admiravam os Estados Unidos e queriam imitar seu sucesso na realização do desenvolvimento material e da democracia política.”<sup>20</sup>

Pensamento esse que não consegue dar respostas a grande quantidade de conflitos sociais acumulados por causa da expansão demográfica. Segundo o censo de 1876, a população peruana era de 2,67 milhões, destes 13,7% eram considerados brancos, 58% índios e 24% mestiços<sup>21</sup>. Em 1908 a população aumentou para 3,5 milhões e em 1920 para 4,8 milhões<sup>22</sup> – para os dois últimos censos não encontramos os dados porcentagem

---

<sup>17</sup> KLARÉN. Opus cit, p.336.

<sup>18</sup> CHAVARRIA, opus cit. p. 7.

<sup>19</sup> Idem, p.21 [tradução minha].

<sup>20</sup> KLAREN, opus cit, p. 327.

<sup>21</sup> Idem, p. 327.

<sup>22</sup> Idem, p. 346.

étnica da população. Os conflitos sociais provenientes da forma excludente de gerir e configurar o Estado, que pode ser observada por movimentações de três grandes setores da sociedade. As lutas operárias tomam corpo e em 1911 quando ocorre a primeira greve geral da história do país e chegam ao auge em 1919, com outra greve geral avassaladora em Lima. As mobilizações estudantis – demonstrando a agitação das camadas médias urbanas que eclodem em 1918/19 e são catalisadas no bojo dos movimentos da Reforma Universitária, de importância internacional iniciados em Córdoba, Argentina.

Finalmente, pois receberá especial atenção neste trabalho, as lutas indígenas e camponesas, vale lembrar que apesar da expansão da população urbana, o Peru continuava a ser um país com características essencialmente rurais e agrárias<sup>23</sup>. Chavarria afirma que “os índios encontraram o seu mundo virado de cabeça para baixo, na esteira da grande revolução agrária e social [provocada pela expansão capitalista], que foi desencadeada nas terras altas.”<sup>24</sup> Ocorreram sublevações de mote nacional em 1915, 1921 e 1927.

Após instalada a hegemonia civilista o desafio que estava posto era o de enfrentar a forte crise social, crise esta que ameaçava dividir a oligarquia e chegava a questionar a legitimidade do estado. No ano de 1904 José Pardo assumiu a presidência, após vencer a velha guarda do partido civilista. Sua gestão foi conturbada por debates trabalhistas que consumiram a arena política, a concessão de direitos aos trabalhadores fez com que a oposição conservadora se reanimasse e fortalecesse, que ficou ainda mais desgostosa com a eleição do *protégé* do então presidente José Pardo, Augusto B. Leguía. Este foi descrito por Klarén como “um *selfmade man* que conseguirá entrar para oligarquia devido ao seu talento, seu charme e seu sucesso nos negócios, logo rompeu com Pardo e com outros elementos da liderança do partido, sai do governo em 1912 e volta em 1919 após um mandato de Billinghurst “uma espécie de político independente e populista [...] que manteve-se afastado da oligarquia civilista”<sup>25</sup> outro mandato de Pardo marca o fim da chamada “República Aristocrática” civilista, a grande reação às crises econômicas generalizadas produzidas pela Primeira Guerra Mundial abalam a relativa paz social e o

---

<sup>23</sup> Idem, p. 347.

<sup>24</sup> Chavarria, p. 22 [livre tradução] “the Indians found their world turned upside down in the wake of the great agrarian and social revolution that had been triggered in the highlands.”

<sup>25</sup> KLAREN, apus cit. p. 360.

período de crescimento econômico. Uma forte mobilização de trabalhadores assolou Lima, por causa da elevada inflação e do não aumento de salários, e as péssimas condições de trabalho, a reivindicação pela aplicação da jornada de trabalho de oito horas diárias, somando ao espectro da revolução de outubro de 1917, transformaram Lima em um campo de batalha.

Para Klarén, “as verdadeiras sementes da revolta que pôs fim ao governo civilista estavam dentro do próprio órgão político do regime, que não modificaria seu *ethos* essencialmente antidemocrático e elitista em face do protesto popular generalizado.”<sup>26</sup> E destaca que três figuras tiveram papéis destacados na derrubada do regime civilista, aquele que tomaria o poder pelos próximos onze anos, Augusto B. Leguía, e outros dois que “saíram da 'geração de 1919', um como estudante ativista e revolucionário de primeira hora e outro como ideólogo proletário.”<sup>27</sup> sendo eles Víctor Raúl Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui, respectivamente.

### 1.3 O Oncênio de Leguía

O período que se inicia em 1919 e segue até 1930 é conhecido como o *oncênio* de Leguía, este assume o poder com promessas de fazer reformas e realmente faz algumas: a adoção da jornada de trabalho de oito horas diárias, a implementação do salário mínimo e um investimento massivo em obras públicas, capturando setores importantes da classe média e da classe trabalhadora e assim consolidando sua base de apoio popular, varreu os civilistas do governo, dissolveu o parlamento e logo adotou uma postura ditatorial. Algumas reivindicações dos indígenas foram atendidas, embora nenhuma política adotada para este setor tenha alterado de maneira estrutural a sociedade rural andina, atenuou as tensões rurais e ganhou apoio “de setores da casta mestiça urbana em ascensão, que estava em processo de redescobrimto de suas raízes índias no movimento indigenista.”<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Idem, p. 363.

<sup>27</sup> Idem, pp. 364-365.

<sup>28</sup> Idem, p.367.

No ímpeto de reestruturar o Estado após a péssima repercussão econômica do fim da primeira guerra mundial, Leguía favoreceu a entrada direta de capital estrangeiro, principalmente o norte-americano, que logo se apossou de setores importantes da economia peruana como a mineração e a indústria. Com uma série de financiamentos que em menos de dez anos fez crescer a dívida externa peruana em 105 milhões de pesos, investiu em infraestrutura para atender a economia de exportação. O declínio do processo de industrialização é apontado por Klarén como o indicador mais visível do desmantelamento do capitalismo nacional<sup>29</sup>. Ao passo que o poder do estado central aumentava em graus até então só conhecidos no Peru durante o ciclo do Guano. Todas essas mudanças acabaram por configurar uma nova plutocracia de poder nacional, com um Estado configurado para se relacionar de forma clientelista com os empresários e o funcionalismo público.

Este processo de desenvolvimento dependente do capital estrangeiro entra em colapso com

“a crise econômica mundial de 1929 que, em última análise, pôs em questão a eficácia da economia voltada para exportação. Construída de forma tão elaborada pelos civilistas e, na verdade, expandida em novas direções por seus sucessores da classe média durante o *oncenio* (os onze anos de governo de Augusto B. Leguía, 1919-1930), essa economia viu abalada em seus próprios alicerces pelo declínio dos preços internacionais das mercadorias depois de 1925 e por seu colapso em 1929. A partir dessa época passou-se a perceber cada vez mais que a dependência da exportação era o centro do dilema do subdesenvolvimento em que o país continuava mergulhado. A maneira de mudar essa estrutura econômica e de resolver esse dilema constituiu o núcleo do debate nacional, inaugurado pelo reformador Victor Raúl Haya de la Torre e pelo revolucionário José Carlos Mariátegui. A crise mundial assinalou ainda o ingresso das massas peruanas na arena política numa base sustentada, a longo prazo.”<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Idem, p.368-369.

<sup>30</sup> Idem, p. 318.

#### **1.4 Uma breve biografia de José Carlos Mariátegui – do nascimento a viagem ao Velho Mundo.**

Aqui é necessário fugir ao recorte cronológico central eleito para essa investigação por-dar conta não somente das importantes transformações no Estado e na sociedade peruana, mas, sobretudo, contextualizar a formação pessoal, político-intelectual do pensador que se destaca na produção de análises, teoria e propostas para política de seu país. Falamos aqui de José Carlos Mariátegui. Por sua posição estratégica na cena política peruana merece melhor apresentação neste trabalho.

Mariátegui nasceu na região sul do Peru, rebento de um funcionário público do *Tribunal Mayor de Cuentas* com uma costureira, mestiça, filha de camponeses católicos. O pai que era de origem aristocrática, neto de “Dom Francisco Javier Mariátegui, secretário do Primeiro Congresso Constituinte do Peru, prócer da República, escritor, parlamentar e jornalista”<sup>31</sup>, representante da elite limenha. Francisco Javier logo abandonou o lar e partiu para o norte, não influenciando na criação de Mariátegui, embora tenha legado uma biblioteca de seu bisavô que será essencial para formação intelectual do filho. A mãe passou por diversos trabalhos para conseguir manter sozinha José Carlos e seus dois irmãos, Guilhermina e Júlio César, vivendo com escassos recursos econômicos. Mariátegui foi um infante franzino, uma grave lesão no joelho da perna esquerda sofrida quando ainda era criança, em uma brincadeira na escola, além de o tornar manco, impediu de exercer funções que exigissem esforço físico. Mais tarde – durante o auge de sua atividade política e intelectual - ficou dependente de uma cadeira de rodas<sup>32</sup>. Pericás reflete sobre esta questão e como ela influenciou no seu hábito pela leitura e consolidação de algumas influências:

“Levado a Lima para tratamento, é internado na clínica *Maison de Santé*, dirigida por freiras francesas da congregação São José Cluny. O tratamento dura quatro meses e o obriga a largar provisoriamente os estudos. Nesse difícil período de convalescença, após várias cirurgias, numa solidão precoce, tendo de ficar horas sozinho em quartos de hospital, ele adquire o gosto pela leitura e torna-se um arguto observador de tudo que passa a sua volta. Começa a aprender francês e recebe forte influencia

---

<sup>31</sup> PERICÁS, Luis Bernardo. **Revolução Russa: história, política e literatura. José Carlos Mariátegui.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 16.

<sup>32</sup> MARCHENA. *Opus cit*, p.14.



religiosa, tanto dos padres como principalmente de sua avó e tios maternos, que lhe contam histórias repletas de misticismo. Por conta própria, começa a ler tudo que chega às suas mãos, hábito que cultivará a vida inteira. Ficará imobilizado em tratamento, em casa, por mais dois anos.”<sup>33</sup>

Largou os estudos sem completar o curso primário, uma das marcas predominantes na formação deste pensador e jornalista peruano foi o autodidatismo.

Aos quinze anos inicia sua vida de comprometimento com a tinta, o papel e as obras literárias, se empregando na tipografia do Jornal *La Prensa*. A partir deste momento sua vida pode ser analisada acompanhando seus textos, pois já em 1912 passa a compor a redação do jornal ainda assinando seus escritos com um pseudônimo, Juan Croniqueur. “Sua vida privada parece ir a reboque daquela [a de escritor e pensador]. É uma vida de ideias e sentimentos aparentemente só refletidas no papel.”<sup>34</sup> Por isso, seguiremos o método utilizado pelo autor desta citação, Marchena, para entender a trajetória da formação, em grande medida autodidata.

Começa a publicar artigos, crônicas, assinados com seu próprio nome em 1914, dedicado ao jornalismo literário, nos seus textos, ainda que não diretamente ligados a política, a preocupação com a problemática social é perceptível em cadência crescente, o contraste gerado pela acumulação de riquezas de poucos, a moralidade, a ética, a preocupação com a vanguarda artística e a religiosidade popular. Para outro periódico é contratado como cronista parlamentar o que lhe amplia muito o horizonte de reflexão sobre política. Tanto Marchena quanto Escorsim afirmam que ainda não toma uma postura radical (contra ou a favor do sistema), contudo é tomado por um tédio acerca do parlamentarismo peruano dessa época.<sup>35</sup> As palavras de Pericás são mais ácidas ao descrever este período da vida do pensador em questão:

“Para JCM e os ‘colónidos’ [denominação empregada aos colaboradores e jornalistas da revista de variedades *Colónida*, uma das quais Mariátegui contribuiu neste período], a política parecia uma atividade ‘burguesa’, ‘burocrática’ e ‘prosaica’. Ou seja, até o final de 1917, Mariátegui demonstraria pouco interesse, *de facto*, pela política, assunto sobre o qual

---

<sup>33</sup> PERICÁS, Luis Bernardo. *José Carlos Mariátegui e o marxismo*. In: MARIATEGUI, J.C. **Do Sonho as Coisas: Retratos subversivos**. São Paulo: Boitempo, 2005. p. 12.

<sup>34</sup> MARCHENA. *Opus cit.*, p. 14.

<sup>35</sup> *Idem*, p. 15.

escreverá pouco e sem maior profundidade, ainda que também cumprisse a função de ‘cronista parlamentar’. Naquela época, chamada pelo próprio José Carlos de ‘a idade da pedra’, ele estaria associado principalmente, ao misticismo religioso, à literatura ‘pura’, à artificiosidade estilística, ao ‘*torremarfinismo*’ e às experiências literárias decadentistas e bizantinistas ‘finisseculares’ de seu grupo. É bom lembrar que Mariátegui, por boa parte da década de 1910, escrevia contos, poemas, peças de teatro, crônicas policiais e até colunismo social em revistas femininas. [...] Anos mais tarde, ele sentiria vergonha deste período, pediria desculpas a seus leitores por ter produzido aquele material e diria a seu público para que esquecesse sua ‘adolescência literária’, repleta de individualismo, elitismo e ceticismo.”<sup>36</sup>

Neste período, quando jovem, vê a vida política florescer em outros espaços – as lutas populares e o movimento estudantil – com os quais simpatiza.<sup>37</sup> Se aproxima muito da vanguarda artística e literária limenha, encontrando ali amigos que marcaram muito sua vida e sua produção, levando Mariátegui inclusive a afirmar que foram “forjados na mesma bigorna” e que eles “havam sofrido mais que gozado” durante suas vidas. Este segue assumindo uma postura anti-academicista de enfrentamento aos cânones artísticos e sociais tradicionalistas. Não encontrando onde se expressar o grupo funda a revista *Nuestra Epoca*, que marca uma nova fase na sua produção: “agora assina seus trabalhos com o próprio nome e embarca definitivamente na vanguarda peruana”<sup>38</sup>.

Fica explicita uma mudança na trajetória ideológica, a partir desse momento se faz presente em sua perspectiva a intenção de construir um “Peru moderno a serviço de seus cidadãos”<sup>39</sup>. Por causa da pressão política a revista circula por pouco tempo e o leva a deixar a redação do *El Tiempo*, periódico que trabalhou como jornalista de 1916 a 1919 e segundo Chavarría

“trouxe importantes mudanças para vida de Mariátegui. Agora ele poderia ser considerado como parte da classe média ascendente, recebia dois mil soles por mês. Assim como, sua personalidade jornalística mudou. Agora

---

<sup>36</sup> PERICÁS. opus cit. pp. 17-18.

<sup>37</sup> ESCORSIM. opus cit, p.31

<sup>38</sup> MARCHENA, opus cit, p. 15.

<sup>39</sup> Idem, ibidem.

ele escrevia menos sobre o cotidiano, literatura e mais sobre política, iniciou uma coluna diária”<sup>40</sup>

É interessante assinalar que em 1918 durante as mobilizações estudantis e operárias Mariátegui transita de uma “atitude anti-oligárquica até um socialismo marcadamente utópico, ou mais expressamente, o que ele mesmo chama de ‘vontade de socialismo’”, Segundo Adolfo Sánchez Vázquez<sup>41</sup>. Durante este período de grande movimentação política de estudantes e indígenas, José Carlos se aproxima de Manuel Gonzalez Prada, expoente do indigenismo romântico peruano, que organizava sessões de leitura e estudo de textos de Bakunin, Proudhon, Ferrer e Kropotkin<sup>42</sup>.

Em 1919 cria junto com César Falcón o diário *La Razón*, jornal que teve “papel crucial nas greves de trabalhadores e estudantes na primavera e no verão de 1919, ajudou a conformar uma tênue aliança entre trabalhadores manuais e intelectuais”<sup>43</sup>. O qual, no início do “*oncenio*” de Leguía se torna o meio de informação mais importante voltado para os trabalhadores e estudantes, carregado de ideias de matriz socialista. Mariátegui compunha também o ‘Círculo de Periodistas’ e o ‘Círculo de Propaganda Socialista’<sup>44</sup>.

A Revolução Russa influenciou grande parte dos pensadores da época e Mariátegui não espacia deste processo, pelo contrário, insere-se nos debates. Segundo Pericás no início as informações chegavam à América Latina filtrada por agências internacionais, este autor recorre ao historiador soviético Boris Koval para sustentar a afirmação de que a Revolução de Fevereiro contra o antigo sistema czarista foi interpretado e divulgado como um processo lógico e progressista. Mas o processo de auto-organização nos sovietes e a tomada do poder pelos bolcheviques não foi tão bem interpretada, Pericás resgata algumas idéias que circulavam no Peru sobre este processo que merecem espaço pois serão confrontadas por Mariátegui:

“No Peru, V. A. Belaúnde afirmaria que ‘o bolchevismo... é uma doença oriental... O que mais se parece ao bolchevismo [e o islamismo]’. Já Luis

---

<sup>40</sup> CHAVARRÍA. Opus cit, p. 51 [tradução minha]

<sup>41</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. “Mariátegui, Grandeza e Originalidade de um Marxista Latino-americano” In.: VÁSQUEZ, A.S. et all. **América Latina: história e ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998

<sup>42</sup> PERICÁS, opus cit, p. 19.

<sup>43</sup> CHAVARRIA. Opus cit, p.59. [tradução minha]

<sup>44</sup> PERICÁS. Opus cit, p. 19.

Varela y Orbegoso, jornalista e diplomata, escreveria em um editorial do *El Comercio*, em 2 de novembro de 1917, que ‘já não é só Lenin o apóstolo da ruína da democracia russa; são os representantes oficiais dos soviets que proclamam o descaminho de suas ideias e a falta de controle de sua loucura’. Ele continua: ‘Mas como os destinos do mundo estão escritos pela força imanente da justiça, os extravios dos maximalistas (os bolcheviques) não hão de prosperar até o extremo que querem os enlameados corifeus do Soviete’. E finalmente completava: ‘A Europa e o mundo, ao impor a paz e a justiça, nesta guerra funesta, varrerão [do mapa] Lenin e sua caterva, únicos responsáveis para que a paz não reine no planeta ensanguentado’<sup>45</sup>

A disputa política se instalara e manifestava-se nos periódicos peruanos, o *La Prensa*, jornal que Mariátegui trabalhou, fizera uma cruzada informacional contra os bolcheviques. Segundo Luiz Bernardo Pericás, organizador de um livro com os textos de José Carlos Mariátegui sobre a política, economia e cultura da revolução Russa, “Mariátegui, influenciado pela revolução e sabendo dos ataques aos soviéticos, também escreveria em sua defesa. Ele chegaria a dizer, em abril de 1918, que os jornalistas do *El Tiempo* (ele incluído) haviam sido acusados de ‘bolcheviques’ pelos periodistas do *El Comercio*, outro diário importante da capital. [...] E em 12 de Janeiro de 1919, publicaria o artigo ‘*El maximalismo cunde*’ no jornal *El Tiempo* (sem assinar seu nome), no qual iria relacionar a agitação na América Latina, que levava a várias greves, à influência bolchevique.”<sup>46</sup>

Há um debate colocado entre estudiosos de sua obra, se Augusto B. Leguía exila César Falcon e José Carlos Mariátegui, como retaliação pelo enfrentamento político sobre uma fachada de bancar uma bolsa de estudos para os dois fundadores do diário, ou se seguem para Europa realmente com a intenção de estudar. Não entraremos nesse debate. Fato é, que o próprio Mariátegui afirma posteriormente que nesse momento se encerra a fase da “idade da pedra” de sua produção. A qual, se analisada cautelosamente, demonstra a transformação do cronista literário em um jovem comprometido com sua “vida de papel”<sup>47</sup>, que já havia desenvolvido aproximações com a literatura e a política socialista

---

<sup>45</sup> Idem, p. 23.

<sup>46</sup> Idem, p. 24.

<sup>47</sup> MARCHENA. Opus cit, p. 16.

e revolucionária, mas só após a vivência europeia que Mariátegui se reivindicará um marxista “convicto e confesso”.<sup>48</sup>

### **1.5 Uma breve biografia de José Carlos Mariátegui – a vida os aprendizados europeus e a defesa da libertação da latino-americana.**

A estadia na Europa tem um papel central na formação e definição político – ideológica do Mariátegui, entre 1919 e 1923 permanece principalmente na Itália, mas passa por outros países como a França e Alemanha e cidades como Viena e Budapeste. Tem contato aqui com os principais quadros políticos e culturais alinhados com seu pensamento, a exemplo de Gramsci, Benedetto Croce, Piero Gobetti e Georges Sorel. Vale ressaltar o contexto de grande agitação política que envolvia essa região, com a Revolução Russa ganhando mais forma e a ascensão do Fascismo, só para apontar pólos políticos. Pericás descreve as atividades na Europa da seguinte maneira:

“Lá, leria clássicos da literatura, obras sobre política e história, assim como os principais jornais de esquerda e direita; veria de perto as greves dos trabalhadores, a ascensão do Fascismo e a criação do Partido Comunista italiano; assistiria o Congressos e Conferências internacionais; se casaria teria um filho e conheceria personalidades políticas e literárias europeias importantes. Também construiria, com alguns amigos, a primeira célula comunista peruana, que durou pouco.

Mariátegui queria muito conhecer a Rússia soviética, mas possivelmente para preservar a saúde de sua mulher e do primogênito, decidiu não ir para lá. Diferentemente do seu contemporâneo Haya de la Torre, que esteve em Moscou, que presenciou as sessões do V Congresso do Comintern e ouviu discursos, conversou ou travou amizade com Clara Zetkin, Bela Kun, Karl Radek, Bukharin, Zinoviev, Stalin, Lunatcharsky, Losovsky e Trotsky, todo conhecimento de JCM sobre a URSS vinha de livros e jornais. Para compor seus retratos políticos e econômicos da Rússia, ele utilizaria, al[em dos artigos da imprensa internacional, os livros *La Russie Nouvelle*, de Herriot; *Do Kremlin a Luxemburgo*, do francês De Monzie; *L'Autre Europe*, de Luc Durtain; *La nueva Rusia* e *Rusia a los*

---

<sup>48</sup> PERICÁS. Opus cit, p. 25.

*doce años*, de Alvarez de Vayo; as memórias de JacSadoul; assim como obras de Georges Guhamel, Fernando de los Ríos, Ángel Pestaña, H. G. Wells, Diego Hidalgo, John Reed, entre outros.<sup>49</sup>

Ainda sobre a viagem e a sua significância na vida e no comportamento político de Mariátegui, resgatarei outro excerto de Marchena:

“Quiçá um dos aspectos mais interessantes a apontar da sua viagem pela Europa seja precisamente o ‘descobrimento’ da realidade latino-americana à distância. Igual a muitos outros intelectuais, a tomada de consciência de sua qualidade de ‘hispano-americanos’, em um mundo até certo ponto distante da problemática de seus países, parece determinante na conformação de uma autêntica consciência latino-americana, onde a libertação do homem continental deveria partir dele mesmo para ser levada a cabo. Assim, escreve que a viagem européia serviu para descobrir, “ao fim e, sobretudo, nossa própria tragédia, a do Peru, a da América hispânica. O itinerário na Europa foi para nós o melhor e mais avassalador descobrimento da América.”<sup>50</sup>

Ao regressar ao Peru após cinco anos, datava 1923, Leguía mantinha-se na Presidência e o país apresentava um cenário político, social e econômico bastante fragmentado. Encontra-se, então, com Haya de la Torre figura de proeminência política na oposição que ajuda a colocar Mariátegui novamente em destaque, contudo, agora, bem diferente daquele que partiu, muito seguro do que havia por fazer e por conquistar. Enquanto ministrava conferências nas Universidades Populares, reassumia os trabalhos editoriais, primeiro com uma revista voltada ao mundo estudantil que propunha gerar a consciência de classe trabalhadora entre os educandos. Escrevendo também sobre a conjuntura política mundial, não abandona o mundo artístico e cultural. No ano seguinte funda junto com seu irmão a editora *Minerva* e publica seu primeiro livro, *La Escena Contemporânea*, com o objetivo central de explicar como a revolução bolchevique abre espaço para construção de um novo tempo para o homem<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> Idem, p. 25.

<sup>50</sup> MARCHENA. Opus cit, p. 17.

<sup>51</sup> Idem, p.18.

Segue publicando, cada vez com mais afinco e certeza do direcionamento político, mesmo com o arrocho da perseguição do regime leguísta. No ano de 1926 funda a revista *Amauta* – expressão máxima de sua ideologia, foco de vanguarda cultural e pensamento político de toda uma geração de peruanos e latino-americanos.

“Nos anos seguintes, até 1930, apareceram 32 números de *Amauta*, em dois períodos, um de definição ideológica, até setembro de 1928 e outro já marcadamente socialista, até sua morte. [...] Considera que para entender com exatidão o processo que se está vivendo há que se considerar que o socialismo, sem ser uma doutrina indoamericana – termo que desenvolve com bastante ênfase – não é exclusivamente europeia. É um movimento mundial, e Indoamericano, que considerada na órbita da civilização ocidental, pode e deve ter personalidade e estilo.”<sup>52</sup>

Quando do retorno ao Peru, Mariátegui já acompanhava e era extremamente influenciado pelas determinações da Internacional Comunista. Na época com linha política encabeçada por Lenin que pregava a necessidade da construção de uma frente única dos trabalhadores para viabilizar a revolução. Diretriz política que ia ao encontro de sua análise da conjuntura peruana e, por isso, o investimento na construção de força social nos sindicatos, posteriormente de uma de central que de conta de demandas não só corporativistas. Sua aproximação com Haya de la Torre se intensifica, este posteriormente encabeçará a formação do Partido Aprista, voltaremos ao debate colocado entre Mariátegui e Haya de la Torre posteriormente. Vale, neste momento, trazer algumas palavras de Mariátegui para localizar a importância da tarefa da constituição da frente única e seu foco,

“o programa da frente única considera exclusivamente a realidade imediata, fora de toda abstração e toda utopia. [...] A existência de tendências e grupos definidos e precisos não é um mal; [...]. O que importa é que esses grupos e essas tendências saibam entender-se em face da concreta realidade imediata. Que não se esterilizem bizantinamente em exconfissões e excomunhões recíprocas. Que não afastem as massas da revolução com o espetáculo das querelas dogmáticas de seus predicadores. Que não empreguem suas armas nem dilapidem seu tempo ferindo-se uns aos

---

<sup>52</sup> Idem, p.19

outros, mas sim combatendo a ordem social, suas instituições e seus crimes.”<sup>53</sup>

Em outro documento dirigido ao *II Congresso Obrero de Lima*, em janeiro de 1927, que reafirma a necessidade da vanguarda se organizar e voltar-se para fora. “há que se construir consciência de classe. Os organizadores bem sabem que. Em sua maior parte, os operários não tem senão um espírito de cooperação ou de associação. Este espírito deve ser ampliado e educado até converter-se em espírito de classe.”<sup>54</sup>

A unidade travada em termos não simplesmente de luta econômica, mas, sobretudo, política ganha corpo com a constituição da Aliança Popular Revolucionária Americana, doravante tratada pela sigla APRA, com a plataforma mínima sugerida por Haya de la Torre e sob análise de Mariátegui constituindo uma verdadeira base de ação unitária enfeixada numa ótica claramente anti-imperialista. Esta frente sofria com a falta de organização, embora congregasse grandes referências nacionais e alianças internacionais.<sup>55</sup>

Contudo essa aliança se fragiliza com um rompimento brusco em 1928 com a transformação da Frente APRA em Partido. Nesse nível as divergências “quanto a visão e análise da realidade, a conceituação do marco teórico e ideológico, o desenvolvimento do caminho a seguir, o método a empregar, as alianças a estabelecer e, ainda que tudo isso deva ser matizado profundamente, as metas a alcançar.”<sup>56</sup> Mariátegui segue para um período de afirmação do marxismo-leninismo como práxis organizativa mais efetiva para o período, encabeçando a criação do Partido Socialista Peruano – um partido revolucionário e classista. Segundo a análise de Marchena, a criação do jornal *Labor* que junto com o partido e a organização dos trabalhadores gerou grande influência na política peruana.

Nesse mesmo ano, Mariátegui publica sua obra mais conhecida *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* que demarca uma outra perspectiva de estudo da realidade peruana, não mais em contraste com a Europa, mas analisada a partir da sua

---

<sup>53</sup> MARIATEGUI, 1975: pp. 108 e 109. Apud ESCORSIM, opus cit, p. 242.

<sup>54</sup> MARIATEGUI, 1975: p. 115. Apud ESCORSIM, opus cit, p. 244.

<sup>55</sup> ESCORSIM, opus cit, p. 249.

<sup>56</sup> MARCHENA, opus cit, p. 20.



realidade histórica. “Uma realidade que não havia sido considerada como própria de um universo autônomo: o ‘americano’ como gerador de uma dinâmica particular e protagonista de um destino continental”<sup>57</sup>. A obra que não é orgânica, mas composta por diversos artigos que evidenciam uma interpretação marxista da realidade histórica do Peru. Sobre essa afirmação metodológica é importante destacar que assume uma postura heterodoxa, fortemente evidenciada nas teses que escreve para Primeira Conferência Comunista Latino-americana realizada na Argentina em 1929 e serão alvo de análise no capítulo seguinte. Em 1930, apenas com 36 anos, porém muito debilitado, Mariátegui morre deixando várias obras inacabadas.

---

<sup>57</sup> Idem, p. 22.

## Capítulo 2 – O problema das raças na América Latina

O esforço de José Carlos Mariátegui em construir uma interpretação da realidade histórica latino-americana, em especial do Peru, utilizando o marxismo como método de análise, é reconhecido após a publicação em 1928 do seu mais famoso livro, *Sete ensaios de interpretação da realidade Peruana*. Contudo, sua recepção foi inicialmente tímida e recebeu críticas tanto dos partidários da APRA (*Alianza Popular Revolucionária Americana*), quanto de membros do movimento comunista internacional.

Nesse período Mariátegui estava inserido nas disputas políticas, se dedicando a construção do socialismo no Peru. Para dar conta deste processo além de manter seu trabalho como jornalista dirigindo a revista *Amauta* e o periódico *Labor*, participou ativamente da organização da Central Geral de Trabalhadores Peruanos e do Partido Socialista do Peru. Mantendo contato com as formulações do movimento comunista internacional e se insere diretamente nos debates no ano de 1929, quando foram organizadas pela III Internacional Comunista duas conferências com representantes dos Partidos Comunistas organizados na América Latina, em maio deste ano em Montevideo realizou-se o Congresso Constituinte da Confederação Sindical latino-americana e no mês seguinte, desta vez em Buenos Aires, a Primeira Conferência Comunista Latino Americana.

Ambos os encontros foram organizados pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista, órgão criado em 1925, mas que ganhará funcionamento efetivo em 1928 com a publicação do periódico *Correspondência Sudamericana*, revista quinzenal editada em Buenos Aires que circulou entre os Partidos Comunistas da América do Sul, América Central e México nos períodos de junho de 1927 a setembro do mesmo ano e agosto do 1928 a maio de 1930. Segundo Marck Becker, os olhos da Internacional Comunista se voltam para Latino-américa após o sexto congresso do Comintern, realizado após as festividades de comemoração de 10 anos da revolução bolchevique. Participaram ativamente dos debates deste congresso vários delegados de países latino-americanos. Anteriormente o foco estava na Europa ocidental, pois esperava-se que um proletariado industrial encabeçaria a revolução mundial.

“Quando começou-se a enfocar setores ‘marginais’ do mundo, se concentrava mais na Ásia. América Latina não recebia muita atenção porque sua população predominantemente rural e não industrializada não parecia oferecer as condições objetivas básicas necessárias para uma revolução socialista.”<sup>58</sup>

A Conferencia Comunista Latino-Americana, foi um evento relativamente pequeno, que contou com a participação de delegados de 14 países, divididos em dois grupos. Um de Partidos Comunistas estruturados que detinham plenos direitos, sendo composto por delegados da Argentina, do Brasil, da Colômbia, de Cuba, do Equador, Guatemala, México, Paraguai e Uruguai. Outro grupo, de convidados simpatizantes era formado por delegados de El Salvador, Bolívia, Panamá, Venezuela e Peru. Além destes delegados estavam presentes representantes do Partidos Comunista dos Estados Unidos e da França e dos secretariados sul-americanos da IC e da IC Juvenil regional.<sup>59</sup>

Mariátegui, então secretário-geral do Partido Socialista Peruano (PSP), embora não possa participar deste congresso por questões de saúde, escreve e envia três documentos: os Princípios Programáticos do Partido Socialista do Peru, o Ponto de Vista Anti-imperialista e o Problema de Raças na América Latina. A defesa destas teses pelos dois delegados do PSP, o médico Hugo Pesce e o trabalhador da indústria têxtil Júlio Portocarrero, explicitará as tensões entre a formulação e a prática política de Mariátegui e a Internacional Comunista, principalmente no que tange a questão indígena e o caráter da revolução na América Latina.

A tese *El problema de las Razas en la America Latina* é dividida em duas partes, a primeira “Planteamiento de la cuestion”, escrita integralmente por Mariategui e “II. Importancia del problema racial” escrita pelo Dr. Hugo Pesce com base em um esquema construído por Mariátegui. Esta tese é um aprofundamento das formulações presentes no livro *Sete Ensaio de Interpretação da Realidade Peruana* e em síntese reafirmará a necessidade de compreender o problema racial na América Latina sob aspectos econômicos, políticos e sociais. Para este pensador e para o PSP seria impossível resolver

---

<sup>58</sup> BECKER, Marc. **Mariátegui y el problema de las razas en América Latina**. Revista Andina, n 35. Julio 2002. pp. 193-194.

<sup>59</sup> PERICÁS, Luís Bernardo. **José Carlos Mariátegui e o Comintern**. Revista Lutas Sociais, nº 25-26. 2011, p. 177

o problema indígena sem transformar o sistema de propriedade da terra e as condições de trabalho dos índios, problema este que o sistema capitalista.

A primeira parte da tese, de caráter introdutório, é dedicada a caracterização em termos históricos e filosóficos do debate sobre a questão racial. Refuta as ideias de inferioridade ou primitivismo como condições inatas e imutáveis dos indígenas e, ao fazer isso, critica a forma de domínio das populações originárias, tanto da América Latina, quanto da África e da Ásia pelos brancos ocidentais. Ao se referir ao processo de domínio dos europeus, Mariátegui o faz da seguinte maneira:

“É necessário acrescentar que, com uma hipocrisia verdadeiramente admirável, os povos civilizados pretendem fazer o bem dos povos a eles sujeitos, quando os oprimem e até os destroem; e tanto amor dedicam que os querem ‘livres’ através do uso da força. Assim, os ingleses liberaram os índios da ‘tirania’ dos raia, os alemães libertaram os africanos da ‘tirania’ dos reis negros, os franceses libertaram os habitantes de Madagascar e, para libertá-los completamente, mataram muitos reduzindo os outros a um estado que só nominalmente não é escravidão; assim os italianos libertaram os árabes da opressão dos turcos. Tudo isto dito com tanta seriedade que existe quem acredite.”<sup>60</sup>

Segue afirmando que a exploração dos indígenas na América Latina também se realizou sob o pretexto de que só assim essas raças oprimidas seriam redimidas cultural e moralmente. Contesta essa ideia e afirma: "A colonização da América Latina pela raça branca não teve, entretanto, como é fácil provar, outros efeitos a não ser retardatários e deprimentes na vida das raças indígenas.”<sup>61</sup>

Para definir o que é o problema indígena Mariátegui faz uma análise da forma como as relações de trabalho e a propriedade agrária se configuram.

“Chamamos de problema indígena a exploração feudal dos nativos na grande propriedade agrária. O índio, em 90 por cento dos casos, não é um proletário mas um servo. O capitalismo, como sistema econômico e político, se manifesta incapaz, na América Latina, da edificação de uma economia emancipada dos defeitos feudais. O preconceito da inferioridade da raça

---

<sup>60</sup> MARIATEGUI, José Carlos. **Ideologia y Política**. Lima: Empresa Editora Amauta. 1987. p. 25. [tradução minha].

<sup>61</sup>Idem, pp. 24-25,

indígena, se consiste na exploração máxima dos trabalhos desta raça; e não está disposto a renunciar a esta vantagem, da qual obtém tantos proveitos.”<sup>62</sup>

A tese evidencia a relação com o imperialismo, destacando como controle econômico e político realizado pelo capital internacional com colaboração das elites nacionais se beneficia do processo de exploração dos indígenas:

“Para o imperialismo Ianque ou Inglês, o valor econômico destas terras seria muito menor, se juntamente com suas riquezas naturais não possuíssem uma população indígena atrasada e miserável a qual, com o consentimento das burguesias nacionais, é possível explorar ao extremo.”

Mariátegui segue discorrendo sobre como a barateza da força de trabalho é o elemento que torna a indústria açucareira viável no Peru.

“Tecnicamente, esta indústria não esteve em época alguma em condições de concorrer com outros países no mercado mundial. A distância dos mercados de consumo marcava com altos fretes sua exportação. Mas todas estas desvantagens eram compensadas pela barateza da mão de obra.”<sup>63</sup>

A tese tem continuidade fazendo a ressalva do equívoco cometido por alguns ao inverter o racismo branco pela supervalorização dos indígenas:

“Do preconceito da inferioridade da raça indígena, começa-se a passar ao extremo oposto: o que a criação de uma nova cultura americana será essencialmente obra das forças raciais autóctones. Subscrever esta tese é cair no mais ingênuo e absurdo misticismo. Ao racismo dos que depreciam o índio, porque creem na superioridade absoluta e permanente da raça branca, seria insensato e perigosos opor o racismo dos que superestimam o índio, com fé messiânica em sua missão de raça no renascimento americano.

As possibilidades de que o índio se eleve material e intelectualmente dependem da mudança das condições econômico-sociais. Que não estão determinadas pela raça senão pela economia e pela política. A raça, somente, não despertou e nem despertaria o entendimento de uma ideia emancipadora. Sobretudo, não adquiriria nunca o poder de impor e realiza-la. O que assegura sua emancipação é o dinamismo de uma economia e uma cultura que portem em suas entranhas o germe do socialismo”<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> Idem, p.25

<sup>63</sup> Idem, p.26.

<sup>64</sup> Idem, pp. 30-31.

Sintetizando o processo de transformação da sociedade latino-americana, Mariátegui pretende afirmar como o socialismo pode ser pensado:

“O feudalismo espanhol se sobrepôs ao agrarismo indígena, respeitando em partes suas formas comunitárias; porém esta mesma adaptação criou uma ordem estática, um sistema econômico cujo os fatores de estagnação eram a melhor garantia da servidão indígena. A indústria capitalista rompe este equilíbrio, interrompe este estancamento, criando novas forças produtivas e novas relações de produção. O proletariado cresce gradualmente em detrimento do artesanato e da servidão. A evolução econômica e social da nação entra em uma era de atividades e contradições que, no plano ideológico, causa a aparição e o desenvolvimento do pensamento socialista.”<sup>65</sup>

Após um destaque para o fato de que a questão racial não se expressa da mesma forma em todos os países, o autor chama atenção para que em países como Peru, Bolívia e Equador, as reivindicações indígenas são as reclamações sociais e populares dominantes. Segue para uma caracterização detalhada da situação econômica e social da população indígena no Peru. Apresenta o cálculo de que, à época em que escreveu, quatro quintos da população peruana era formada por indígenas, somando no mínimo cinco milhões de pessoas. Destas noventa por cento trabalhava na agricultura, embora o crescimento da indústria da mineração resultou aumento do emprego da força de trabalho dos índios nas minas, que não deixavam de ser agricultores, pois “são índios de ‘comunidades’ que passam a maior parte do ano nas minas; mas que na época dos trabalhos agrícolas retornam a suas pequenas parcelas [de terra], insuficientes para sua subsistência.”<sup>66</sup> As condições de trabalho nas minas são descritas da seguinte maneira: “A legislação social vigente é quase nula nas minas, onde não se observam leis sobre acidentes de trabalho e jornada de oito horas, nem se reconhece o direito de associação aos trabalhadores.”<sup>67</sup>

A tese chama atenção para as condições de trabalho dos indígenas no campo, apresentando a ineficiência e inexpressividade do assalariamento e a manutenção de características do trabalho feudal ou semifeudal. Algumas comunidades indígenas conservam terras, porém em quantidade insuficiente obrigando a população a trabalhar

---

<sup>65</sup> Idem, p. 31.

<sup>66</sup> Idem, p. 32.

<sup>67</sup> Idem, p. 36

nos latifúndios. O recrutamento forçado e a prestação de trabalhos não remunerados embora não mais permitidos legalmente eram prática comum. O autor chama atenção outra vez para o fato dos índios estarem ligados a terra:

“O valor de um latifúndio não se calcula só pela extensão territorial, senão por sua população indígena própria. Quando uma fazenda não conta com esta população, o proprietário, de acordo com as autoridades, apela ao recrutamento forçado de trabalhadores a quem se remunera miseravelmente.”<sup>68</sup>

Embora a indústria ainda fosse bastante insipiente, Mariátegui utiliza o exemplo das indústrias têxteis para demonstrar como o indígena tem condições de se adaptar a este outro ambiente de trabalho, que exige domínio de outras técnicas. “O pessoal destas fábricas é indígena, salvo a direção e os chefes. O índio se adaptou perfeitamente ao maquinário. É um operário atento e sóbrio, que o capitalista explora habilmente.”<sup>69</sup>

Na sequência, em um subtítulo chamado “*La lucha indígena contra el gamonalismo*” há uma breve descrição do processo de organização dos índios, que, além da luta contra os latifundiários, também empunhavam outras bandeiras, como o fim dos trabalhos forçados para abertura de caminhos, a separação entre Estado e Igreja. Essa descrição segue até que se explicita algumas características destes agrupamentos que demonstrem a aproximação com a luta pelo socialismo.

Na seção final da primeira parte da tese, Mariátegui irá enfatizar a relação do problema indígena com a questão agrária e apontar medidas e tarefas que caberiam aos socialistas cumprir.

“O problema indígena se identifica com o problema da terra. A ignorância, o atraso e a miséria dos indígenas não são, repetimos, senão a consequência de sua servidão. O latifúndio feudal mantém a exploração e a dominação absoluta das massas indígenas pela classe proprietária. [...] Existe, portanto, uma instintiva e profunda reivindicação indígena: a reivindicação da terra. Dar um caráter organizado, sistemático, definido, a esta reivindicação é a tarefa que temos o dever de realizar ativamente”<sup>70</sup>

A tese busca enfatizar como tradições dos povos indígenas favoreceriam a construção do socialismo junto a esta população, destaca que o trabalho de defesa e

---

<sup>68</sup> Idem, p. 33

<sup>69</sup> Idem, p. 37.

<sup>70</sup> Idem, p. 42.

convencimento da ideologia socialista deveria ser feito por índios que tiveram contato com o movimento operário nos sindicatos e no movimento político. Caberia a estes sujeitos demonstrar aos indígenas que se mantinham no meio rural como dar consequência a luta contra os latifundiários e defender um sistema de organização da sociedade que se assimila aos costumes coletivistas ainda praticados.

“As ‘comunidades’ que tem demonstrado sob a mais dura opressão condições de resistência e persistência realmente assombrosas, representam no Peru um fator natural de socialização da terra. O índio tem hábitos de cooperação arraigados. Ainda quando da propriedade comunitária se passa a apropriação individual, não somente na Serra senão também na Costa, onde uma maior mestiçagem atua contra os costumes indígenas, a cooperação se mantém; os trabalhos pesados se fazem coletivamente. A ‘comunidade’ pode transformar-se em cooperativa, com um mínimo de esforço.”<sup>71</sup>

A segunda parte da tese chamada “La importância del problema racial”, escrita pelo Dr. Hugo Pesce, membro do Partido Socialista Peruano, sobre um esboço feito pelo Mariátegui, objetiva demonstrar que o problema racial não apresenta as mesmas características em todos os países. “O problema das raças não é comum a todos os países da América Latina, ou apresenta em todos os que sofrem as mesmas proporções e características”<sup>72</sup>. Neste momento evidencia-se uma crítica a intensão da III Internacional Comunista em estender a análise e as diretrizes conformadas sobre a questão racial a partir dos casos da África do Sul e dos Estados Unidos para a América Latina.

Três grupos raciais são definidos: os descendentes dos impérios Inca e Asteca “esses índios, em sua maioria ‘serranos’ ocupam principalmente regiões andinas na ‘serra’ ou chapadões, estendendo-se na serra do Peru, do Equador, Norte do Chile, na Bolívia, em alguns territórios do norte da Argentina”<sup>73</sup>. A economia destes índios está prioritariamente ligada a terra, logo suas reivindicações são de caráter agrário. Porém a setores importantes trabalhando nas minas e nas cidades, onde seria o local de preparação de quadros:

“Na cidade, no ambiente de trabalhadores revolucionários, o índio começa a assimilar a ideia revolucionária, a apropriar-se dela, a entender seu valor como

---

<sup>71</sup> Idem, pp. 42-43.

<sup>72</sup> Idem, p. 46.

<sup>73</sup> Idem, p. 47.



instrumento de emancipação desta raça oprimida pela mesma classe que explora na fábrica o trabalhador, nele que descobre um irmão de classe.”<sup>74</sup>

O segundo grupo racial também é de indígenas, que vivem nas florestas, “em alguns estados da América Central, na Colômbia (Chibchas) e Venezuela (Muyscas). Nas Guianas, na região amazônica do Peru chamada ‘Montaña’ (Campas), no Brasil e Paraguai (Guarani), na Argentina e Uruguai (Charrúas)”<sup>75</sup>. Uma série de características são apresentadas como diferenciadoras do primeiro grupo, apontando inclusive para uma oposição, principalmente o nomadismo e o desconhecimento da agricultura. Afirma também:

“Sua civilização antiga não alcançou provavelmente, senão um nível muito baixo. Seus idiomas e dialetos numerosos, em geral pobres em termos abstratos, sua tendência a destruição numérica da raça, também são características opostas a dos índios incaicos”

Neste momento há uma referência ao relato de um delegado brasileiro não nomeado sobre a situação dos indígenas no Brasil, o qual é utilizado para retratar a situação desse grupo étnico no continente, apontando a violência dos portugueses e a miscigenação como elementos que levaram a redução do número dessas populações. E termina apresentando uma explicação do porque há dificuldade de aproximação com o movimento revolucionário:

“No Brasil, os poucos milhares de índios que conservam seus costumes e tradições vivem isolados do proletariado urbano, sendo impossível seu contato em nossos dias com a vanguarda proletária e sua consequente incorporação ao movimento revolucionário das massas proletárias.”<sup>76</sup>

A caracterização deste grupo termina com a duas questões que devem guiar a formulação de políticas e estratégias de incorporação dos indígenas na luta pelo socialismo, primeiramente o contingente populacional, se for proporcionalmente elevado em relação ao todo; e o quanto os índios estão inseridos na economia nacional.

O terceiro grupo é o da raça negra. Presentes em Cuba nas ilhas caribenhas e no Brasil. Afirmando que os negros estão majoritariamente trabalhando nas indústrias e o

---

<sup>74</sup> Idem, p. 49.

<sup>75</sup> Idem, p. 50.

<sup>76</sup> Idem, pp. 51-52.

diferencia dos índios nos seguintes termos: “O negro, importado pelos colonizadores, não tem apego a terra como o índio, quase não possui tradições próprias, lhe falta um idioma próprio, falando o espanhol, ou português, ou francês ou inglês.”<sup>77</sup> Destaca o fato dos negros estarem distribuídos em todas as classes sociais embora estejam principalmente entre os trabalhadores.

Ao fazer a caracterização da população negra no Brasil, afirmam que o negro “puro” quase não existe mais por conta da miscigenação, os autores citam outra vez o relato de um delegado brasileiro, que afirma

“O preconceito contra o negro assume reduzidas proporções. No seio do proletariado, este não existe. Na burguesia, em certas camadas da pequena burguesia, este mal se deixa perceber.

[...]

A situação dos negros, no Brasil, não é de tal natureza para exigir que nosso Partido organize campanhas reivindicatórias para os negros, com palavras de ordem especiais.”<sup>78</sup>

Percebe-se que a apreensão da realidade dos indígenas de descendência Inca ou asteca é muito mais detalhada e aprofundada que os outros dois grupos raciais destacados nesta tese. Sobre o povo negro é possível entender que o distanciamento da realidade brasileira, cubana ou caribenha, onde a presença de negros é maior. Acrescido ao fato dos negros ou dos indígenas nômades, na visão dos autores da tese, não terem estruturado uma organização social elaborada diminuiu seu grau de atenção. Na sequência da tese há um resgate da história do império Inca enfocando nos fatores coletivos, que sobreviveram a Conquista dos espanhóis.

“As comunidades repousam sobre a base da propriedade comum das terras em que vivem, cultivam e conservam, por pactos e laços de consanguinidade que unem as diversas famílias que formam o *ayllu*. As terras de cultivo e os pastos pertencentes a comunidade, formam o patrimônio da dita coletividade. Nela vivem, do seu cultivo se mantêm e os contínuos cuidados que seus membros aplicam a fim de não lhes sejam tomadas por seus poderosos vizinhos ou outras comunidades, isto serve de incentivo para estar sempre

---

<sup>77</sup> Idem, p. 52.

<sup>78</sup> Idem, p. 53.

organizados, constituindo um só corpo. Hoje, as terras comuns pertencem a todo o *ayllu*, ou seja, ao conjunto de famílias que formam a comunidade.”<sup>79</sup>

Além da permanência de algumas comunidades, a tese destaca a permanência de costumes de ajuda mútua, como os *mutirões* no Brasil, que se chama *Minka* na língua *quéchua*.

“Mas não só na existência das comunidades se revela o espírito coletivista dos indígenas. O costume secular da *Minka* ainda existe nos territórios do Peru, da Bolívia, do Equador e Chile; o trabalho que um parceiro, ainda que não seja um membro da comunidade, não pode realizar por falta de ajudantes, por doença ou outro motivo análogo, é realizado através da cooperação e auxílio dos parceiros, que por sua vez recebem parte do produto da colheita, quando há quantidade suficiente, ou outro auxílio manual em uma época próxima.”<sup>80</sup>

Na conclusão da tese os autores enfatizam as características que reconhecem no problema racial na América Latina.

“Todos os fatores assinalados, se não tiram por completo o caráter ‘racial’ do problema da situação da maioria dos negros ou índios oprimidos, nos demonstram que atualmente o aspecto principal da questão é ‘econômico e social’ e tende a ser cada dia mais no interior da classe basicamente explorada de elementos de todas as raças. As lutas empreendidas pelos índios e negros confirmam este ponto de vista.”<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Idem, p. 68.

<sup>80</sup> Idem, p. 68.

<sup>81</sup> Idem, p. 80.

### Capítulo III – O pensamento de Mariátegui em disputa.

O terceiro capítulo da monografia é dedicado à análise da utilização do pensamento de Mariátegui após a sua morte, demonstrando uma disputa da memória do Mariátegui. Nesta tese transparecem algumas questões que geraram tensionamento entre Mariátegui e os delegados do PSP e a III Internacional Comunista, elas se “devem fundamentalmente a formas distintas de encarar a utilização do marxismo como ideologia, teoria revolucionária e método de interpretação da realidade.”<sup>82</sup> Este pensador se recusa a aplicar mecanicamente o modelo sequencial dos modos de produção à América Latina, pois entende que a interpretação realizada com o método marxista consistia no estudo das condições concretas de uma realidade específica.

Adolfo Sánches Vásquez, filósofo espanhol radicado no México, destaca alguns fatores que levarão o pensamento de Mariátegui a ser revisitado e tido como original, enfatizando a defesa de um marxismo militante e revolucionário, que articulasse prática e teoria.

“No marxismo de Mariátegui destacam-se, pois, dois elementos essenciais: 1. Sua atenção ao papel da ação, das forças sociais que podem transformar a realidade e 2. Sua preocupação pelas peculiaridades desta realidade concreta, que devem ser sobretudo levadas em conta tanto na hora de sua interpretação quanto na de sua transformação prática, efetiva.”<sup>83</sup>

Este mesmo autor abre espaço para o debate entre objetividade e subjetividade que Mariátegui enfrenta, contrastando com o marxismo da Segunda Internacional, que apresentava o processo de histórico de transformação da sociedade como evolucionista, gradual e determinado. Abrindo espaço para atuação dos sujeitos históricos, que atuam dentro de condições históricas mas que podem ou não agir. Vásquez chama atenção para a heterodoxia do marxismo mariáteguiano que articula pensadores idealistas, liberais e românticos para defender que os seres humanos não são somente determinados pelas

---

<sup>82</sup> COSTA, Diogo Valença de Azevedo. CLEMENTE, Marcia da Silva. **Mariátegui e o Brasil: o socialismo indo-americano e os dilemas do marxismo na periferia**. 36 Encontro Anual da ANPOCS. Aguas de Lindóia, 2012. p. 25.

<sup>83</sup> VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. Mariátegui, grandeza e originalidade de um marxista Latino-americano. In: **América Latina: história, ideias e revolução**. São Paulo: Editora Xamã, 1998. p. 50.

condições objetivas, mas fazem a história a partir de suas ações. Citando Vásquez:

“Mariátegui exalta a vontade, a fé no ideal ou mito da revolução, o que leva a buscar fora do marxismo dominante este acento na vontade, na ação que não encontra nele. Daí suas reiteradas referências a pensadores idealistas como Sorel, Bergson e Unamuno, nos quais encontra pontos de apoio para sua leitura voluntarista do marxismo. É por isto que encontramos no revolucionário peruano afirmações que não deixam de surpreender aos marxistas ‘ortodoxos’ como esta que cito textualmente: ‘O proletariado tem um mito: a revolução social /.../ A força dos revolucionários não está em sua ciência; está em sua fé, em sua paixão, em sua vontade. É uma força religiosa, mística, espiritual. É a força do mito’ (*O homem e o mito*, 1925)”<sup>84</sup>

O filósofo cubano radicado na Alemanha Raul Fonet-Betancourt, em seu livro intitulado *O Marxismo na América Latina*, destaca o pensamento de Mariátegui não por ser o primeiro a divulgar as obras marxistas na América Latina, mas por conduzir o esforço de descentralizar o marxismo e o libertar da predominância do eurocentrismo. Com isso abrem-se possibilidades para pensar as realidades nacionais sem a necessidade de se submeter aos dogmas construídos na Europa. Nas palavras deste autor,

“Mariátegui parte de pensamentos orientadores da internacionalidade do socialismo e se esforça, antes, na sua teoria, por incorporar a especificidade indo-americana na dinâmica da história mundial, mas certamente de tal modo que ela não seja negada nem mutilada, mas possa chegar a seu pleno desdobramento.”<sup>85</sup>

Mariátegui realiza, segundo Fonet-Betancourt, a defesa do método marxista, assim “um marxismo nacional não seria, pois, para Mariátegui, uma negação do marxismo. Seria, antes, a expressão da multiplicidade do marxismo, respectivamente da multiplicidade de marxismos criativos.”<sup>86</sup> Fato que pode-se observar no tratamento da questão indígena, quando ao identificar as raízes do problema racial em questões econômicas e políticas possibilita o alinhamento das reivindicações dos movimentos indígenas ao movimento socialista. “Mariátegui quer, portanto, a superação do indigenismo pelo socialismo, mas ao mesmo tempo persegue a contextualização do

---

<sup>84</sup> Idem, p. 50.

<sup>85</sup> FONET-BETANCOURT, Raul. **O Marxismo na América Latina**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 1995. p. 116.

<sup>86</sup> Idem, p. 119.

socialismo na Indo-América, e isto de tal modo que nisto o socialismo atenda a peculiaridade indígena.”<sup>87</sup>

Sobre a questão racial no Peru e em outros países como a Bolívia e o Equador, onde a população indígena é expressiva, o processo de desenvolvimento do capitalismo apresenta um componente de dominação étnico-racial. Deriva disso a discordância com o Comintern, “ao apontar que a questão do índio no Peru não é uma questão nacional de autodeterminação dos povos como queriam os interpretes soviéticos e stalinistas, mas que estaria relacionada ao problema da terra, da propriedade **gamonal** (latifundiária) e deteria também um conteúdo econômico social associado a luta de classes”.<sup>88</sup> Com o desenvolvimento dessa análise o pensador incluí os indígenas entre aqueles que poderiam defender o socialismo, ele reivindica que as tradições populares coletivistas dos indígenas como componentes de uma cultura e forma de organização socialista, e o faz sem a intenção da reconstrução do império Inca. Em suas palavras “O socialismo pressupõe a técnica, a ciência e a etapa capitalista, e por isso não pode trazer consigo o mínimo regresso em relação à aquisição das conquistas da civilização moderna.”<sup>89</sup>

A forma original e criativa como Mariátegui articulou o método marxista para leitura e interpretação da realidade nacional e gerou diretrizes políticas para a construção do socialismo, fez com que sua obra fosse revisitada e inclusive resignificada por diferentes sujeitos políticos e intelectuais. Vide os enfrentamentos com a internacional comunista após 1930, ano do falecimento de Mariátegui, há um movimento de silenciamento de suas obras levado a cabo pelos quadros da Internacional Comunista. Seus escritos voltam a circular entre os militantes e pensadores após 1943, pois a linha política muda, mas é com a vitória da revolução Cubana, que traz elementos para o debate sobre as estratégias revolucionárias que estavam postas de lado pelo estalinismo.<sup>90</sup>

José Carlos Mariátegui é uma referência para os movimentos políticos de esquerda latino-americanos, seu legado é requisitado como legitimador de leituras e práticas políticas. Em um momento de crise de paradigmas e de questionamentos sobre a prática

---

<sup>87</sup> Idem, p. 126.

<sup>88</sup> COSTAS & CLEMANTE. Opus cit, p.27.

<sup>89</sup> MARIATEGUI, José Carlos. **Ideologia y Política**. Lima: Empresa Editora Amauta. 1987. p. 161. [tradução minha]

<sup>90</sup> PINHEIRO, Marcos Sorrilha. À sombra de José Carlos Mariátegui: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980). **História**, Franca, v. 28, n. 2, 2009. p. 839.

política da esquerda tradicional, o pensamento de Mariátegui se apresenta como um estímulo para construir interpretações e teorias políticas sustentadas pelas distintas realidades nacionais. O historiador Marcos Sorrilha Pinheiro chama a atenção para o fato das

“leituras realizadas sobre o pensamento de Mariátegui produziram um número inesgotável de interpretações do que haveria sido o marxismo do autor. As interpretações de Mariátegui, que aqui chamaremos de *mariateguismo*, não são um fenômeno homogêneo. Ao lermos as obras que procuram dar conta de decifrar o pensamento do socialista, podemos encontra-lo relacionado as mais diversas filiações literárias, políticas e ideológicas: romântico, revolucionário, reformista, populista, indigenista, modernista, entre outros.”<sup>91</sup>

Algumas interpretações foram assumidas por organizações e partidos políticos como verdadeiras heranças de Mariátegui, não abrindo margem para debates, críticas ou revisão do pensamento.

“Ainda que reconstruído à imagem e semelhança de cada partido que o adotava, Mariátegui foi o ‘patriarca’ de todos os movimentos da nova esquerda no Peru. Justamente por isso, quando a esquerda se uniu em torno de um único bloco para a disputa de eleições, na década de 1980, seu símbolo não poderia ser outro senão o autor dos *sete ensaios*. Paradoxalmente, Mariátegui era um traço que os aproximava e, ao mesmo tempo, os separava. Além da vontade de atingir o poder, esta imagem era o único traço que inúmeros partidos tinham em comum. No entanto, esta comunhão era muito mais simbólica do que ideológica, uma vez que a interpretação em torno do socialismo de Mariátegui era um ponto de discordância entre eles.”<sup>92</sup>

Este mesmo autor chama atenção para um processo que ocorreu no Peru de mitificação da figura de Mariátegui, por alguns setores e transformação em ícone nacional.

O historiador Luiz Bernardo Pericás em seu artigo intitulado *José Carlos Mariátegui e o Brasil* faz um exercício de “arqueologia intelectual” e busca traçar relações entre o pensamento do peruano e intelectuais e artistas brasileiros, destacando três motivos para lenta difusão e utilização do pensamento do autor peruano. Primeiramente, em termos culturais o Peru era um país pouco influente.

---

91 Idem, p. 853.

92 Idem, p. 859.

“Os Estados Unidos, a Europa, e até mesmo a Argentina e o México, a pesar da distância física, tinham não só maior contato com o nosso país, como possuíam uma estrutura editorial e divulgação literária muito mais fortes do que a nação andina, que também apresentava uma conformação étnica e histórica em vários aspectos bastante diferentes da nossa.”<sup>93</sup>

O segundo motivo diz respeito a dificuldade dos militantes terem acesso as suas obras, visto o pouco interesse do partido Comunista Brasileiro em divulgar seus textos que eram mal vistos por vários membros da Internacional comunista. Finalmente, o último motivo apontado por Pericás está na presença quase inexpressiva do Brasil nos textos de Mariátegui. O Brasil aparece somente na discussão da questão racial, mas mesmo nestes textos a abordagem é indireta, através de citações.

Pericás demonstra como os textos de Mariátegui são utilizados por diferentes pensadores brasileiros a partir da década de 1950 como Alberto Guerreiro Ramos e Nelson Werneck Sodré e na década de 1970 por Michael Löwy – importante estudioso da obra de Mariátegui que fará uma leitura totalizante de sua obra resgatando os textos de crítica literária e debates culturais; João Pedro Stedile que se tornará um dos dirigentes do MST; João Paulo Netto importante intelectual marxista brasileiro do campo do Serviço Social e do sociólogo Florestan Fernandes que

“colocaria a importância de Mariátegui não só no campo acadêmico, mas como uma figura fundamental para discutir os caminhos que poderia tomar o socialismo na década de 1990, quando a União Soviética e o bloco socialista haviam se esfacelado.”<sup>94</sup>

Os cientistas sociais brasileiros Costa e Clemente vão sinalizar no enfraquecimento da hegemonia cultural do socialismo stalinista na América Latina e na necessidade de responder aos conflitos sociais que articulam questões étnicas e de condições de trabalho, além da relação dependente das economias latino americanas com potências estrangeiras o resgate do pensamento de José Carlos Mariátegui, em suas palavras:

“As ideias do socialismo indo-americano de Mariátegui assumem uma dimensão continental latino-americana e – ao enfatizarem a solidariedade entre

---

<sup>93</sup> PERICÁS, Luiz Bernardo. **José Carlos Mariátegui e o Brasil**. Revista Estudos Avançados nº24, 2010. p. 348.

<sup>94</sup> Idem, p. 347.



a dominação de tipo étnico-racial e a expansão imperialista dos países da Europa Ocidental e dos Estados Unidos, então motivada pelas necessidades de crescimento de suas respectivas economias capitalistas – tornam-se extremamente atuais para os movimentos sociais contemporâneos de origem camponesa, anticapitalistas, atuantes no conjunto da América Latina, tais como a *Via Campesina*, os *zapatistas* no México, os movimentos indígenas na América do Sul e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Brasil. Tais ideias nos fazem pensar, igualmente, sobre a necessidade de efetuar uma análise concreta de nossas formações sociais levando em conta o uso conjunto das categorias sociológicas de *raça* e *classe*.<sup>95</sup>

Fora do Peru Mariátegui é conhecido e divulgado como intelectual e militante político que aplicou o método marxista de forma criativa e não esquemática. O pensador marxista Michel Lowy não é o único a considerá-lo como o pai do marxismo latino-americano. Seu pensamento foi alvo, e continua sendo, de disputas intelectuais e políticas que geraram diferentes narrativas sobre quem foi e o que defendeu o autor. Sendo alvo da mesma forma de um movimento de disputa para consolidação de uma memória, apresentando seletividade, negociação com o tempo e com o autor da narrativa.<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> COSTA & CLEMENTE. Opus cit. pp.32-33.

<sup>96</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.02, n.3, 1989.p 03.

## Considerações Finais

Como conclusão, a partir desse estudo pôde-se verificar que o pensamento de Mariátegui é alvo de estudo e suas formulações políticas são reivindicadas por diferentes movimentos de diretriz anti-capitalista na atualidade pois em seu tempo foi capaz de construir uma interpretação coerente e não apenas repetir. No processo de disputa que envolve seu pensamento há recortes e silenciamentos. Sua obra é extensa e expressa as múltiplas influências que Mariátegui sintetizou, o que facilita a relação de seus textos com diferentes matrizes de pensamento.

No caso do texto selecionado para análise nesta monografia, que não só tem caráter analítico, mas propõe diretrizes para organização e prática política, é possível reconhecer uma mudança na forma como a questão indígena é trabalhada. A medida que é apresentada uma crítica ao processo de colonização, relaciona o problema indígena com a questão agrária e descarrega de misticismo os problemas econômicos e sociais enfrentados pelos povos indígenas, seu trabalho supera o indigenismo romântico e o marxismo esquemático.

É importante ressaltar que a elaboração intelectual sustentada por uma coerente prática política firma Mariátegui como um clássico do pensamento latino-americano, na medida em que ao firmar um método de análise da realidade, não fica preso a assertivas que não se confirmam com a realidade local. O resgate de seu pensamento ganha força com a necessidade de problematizar ações políticas desgastadas e mais do que repetir seus escritos, vale o esforço de entender como e porque este autor foi capaz propor algo de novo.

## Referências Bibliográficas

BECKER, Marc. **Mariátegui y el problema de las razas em América Latina**. In Revista Andina, n35, julio 2002.

BONILLA, Heraclio. . “*O Peru e a Bolívia da Independência à Guerra do Pacífico*”. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Da Independência a 1870, volume III. EDUSP, 2001

CHAVARRÍA, Jesus. **José Carlos Mariátegui and the Rise of Modern Peru, 1890-1930**. University of New Mexico Press. 1979.

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. CLEMENTE, Marcia da Silva. **Mariátegui e o Brasil: o socialismo indo-americano e os dilemas do marxismo na periferia**. 36 Encontro Anual da ANPOCS. Aguas de Lindóia, 2012.

ESCORSIM, Leila. **Mariátegui – Vida e Obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

KLARÉN, Peter F. “*Los Origenes del Perú Moderno, 1880-1930*”. In: BETHELL, Leslie. **Historia de América Latina**. Tomo 10. America del Sur, c. 1870-1930. Editorial Crítica, Barcelona, 1992.

MARCHENA FERNÁNDEZ, Juan. **José Carlos Mariátegui**. Ediciones de Cultura Hispánica. Madrid, 1988.

MARIATEGUI, José Carlos. **Defesa do Marxismo**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Do sonho às coisas: Retratos Subversivos**. São Paulo: Editorial Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ideologia y Política**. Lima: Empresa Editora Amauta. 1987.

\_\_\_\_\_. **Revolução Russa: história, política e literatura**. Org.: Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e a Rússia. In: MARIATEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura**. Org.: Luis Bernardo Pericás. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

PERICÁS, In: Mariátegui, J. C. **Dos sonhos as coisas**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PERICÁS, Luis Bernardo. **Revolução Russa: história, política e literatura. José Carlos Mariátegui**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PERICÁS, Luis Bernardo. *José Carlos Mariátegui e o marxismo*. In: MARIATEGUI, J.C. **Do Sonho as Coisas: Retratos subversivos**. São Paulo: Boitempo, 2005.

PINHEIRO, Marcos Sorrilha. À sombra de José Carlos Mariátegui: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980). **História**, Franca, v. 28, n. 2, 2009

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.02, n.3, 1989.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. “Mariátegui, Grandeza e Originalidade de um Marxista Latino-americano” In.: VÁSQUEZ, A.S. et all. **América Latina: história e ideias e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998